

ARIANO SUASSUNA: O ROMANCE D'A PEDRA DO REINO

Constança Marcondes César

Universidade Federal de Sergipe

Avenida Marechal Rondon, S/n - Jardim Rosa Elze, São Cristóvão - SE, 49100-000, Brasil

(55) 79 2105-6600 | cmarcondescesar@msn.com

Resumo: *A Pedra do Reino* sintetiza história, meditação filosófico-religiosa, autobiografia, criação literária. Escritos sob a forma de folhetos, seus capítulos estão encadeados como um grande romance. Narra o depoimento de Pedro Diniz Quaderna, alter-ego mitopoético de Ariano Suassuna.

Palavras-chave: Ariano Suassuna, Literatura, Filosofia.

Abstract: *The Stone of the Kingdom* synthesizes history, philosophical and religious meditation, autobiography, literary creation. Written in the form of leaflets, its chapters are linked like a great novel. Recounts the testimony of Pedro Diniz Quaderna, alter-ego mythopoetic of Ariano Suassuna.

Keywords: Ariano Suassuna, Literature, Philosophy.

Nascido em João Pessoa, em 1927, no Palácio da Redenção, Ariano era filho do governador do Estado, João Suassuna. Em 1928, findo o mandato do pai, a família se retirou para a sua fazenda, no sertão da Paraíba.

Em 1930, seu pai, deputado federal na ocasião, foi morto a tiros no Rio de Janeiro por um assassino de aluguel, a mando de inimigos políticos. O assassino foi preso, e pouco tempo depois solto; novamente preso, condenado a quatro anos de prisão, foi liberto dois anos depois.

A família de Ariano, após o assassinato do pai, desloca-se constantemente, para fugir da sanha de inimigos políticos. Em 1932, uma seca intensa se abateu sobre a região em que tinha a fazenda e a família perdeu quase todo o gado. Em 1933, perseguidos, mudaram para Taperoá, no Cariri, passando temporadas longas na fazenda dos tios maternos. A fazenda que tinham acabou sendo vendida, em razão de dificuldades econômicas. E Ariano foi estudar, interno, no Colégio Americano Batista de Recife. Finalmente, em 1942, a família toda muda-se para o Recife. Ariano ampliava suas leituras de clássicos e da literatura de cordel. Lê Euclides da Cunha, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, José Lins do Rego. Em 1943, ingressou no Ginásio de Pernambuco, concluindo aí o curso clássico – estudos intermediários entre o Ginásio e a Universidade. Estuda música erudita e pintura. Em 1945, ainda cursando o colegial, publicou seu primeiro poema no *Jornal do Comércio*.

Em 1946, ingressou no curso de Direito de Recife e conheceu um grupo de escritores, autores de teatro, atores, artistas plásticos, participando da criação do Teatro do Estudante de Pernambuco. Descobre a obra de Lorca e, sob sua inspiração, publicou na revista *Estudantes*, da Faculdade de Direito, poemas que tematizavam a tradição popular nordestina. Pretendia, no Brasil, realizar projeto análogo ao de Lorca em seus poemas: estabelecer laços entre o erudito e o popular.

Em 1947, escreveu *Uma mulher vestida de sol*, sua primeira peça de teatro. Conheceu Zélia de Lima, que dez anos depois tornou-se sua esposa. Em 1950, seu *Auto de São João da Cruz* recebeu prêmio da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco. Sucedem-se peças de teatros e prêmios: no IV Centenário de São Paulo, em 1954; em 1956, dois prêmios: o da Associação Brasileira de Críticos Teatrais e, em São Paulo, o Prêmio Vânia Santos de

Carvalho. No mesmo ano, tornou-se professor de estética da Universidade Federal de Pernambuco e escreveu uma *Iniciação à Estética*, para seus alunos.

Em 1958, começa a redação do *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. Publicado em 1971, obtém, em 1972, o Prêmio Nacional do Instituto Nacional do Livro.

Em 1966, visita a *Pedra do Reino*, conjunto de grandes rochas que servem de cenário e tema do romance, no sertão entre Pernambuco e Paraíba. Paralelamente às atividades no Conselho Federal de Cultura, órgão do qual foi membro fundador, assumiu a direção do Departamento de Extensão da Universidade Federal de Pernambuco, e articulou o *Movimento Armorial* ao qual se vincularam diversos artistas: poetas, romancistas, artistas plásticos, músicos, teatrólogos.

O *Romance d'A Pedra do Reino* é o primeiro volume de uma trilogia, intitulada *A maravilhosa desventura de Quaderna, o Decifrador*. O segundo volume, *História do rei degolado nas caatingas do sertão: ao sol da Onça Caetana*, iniciado em 1974, saiu em folhetins semanais no *Diário de Pernambuco*, até o ano seguinte; foi publicado em livro em 1977. De 1976 a 1977 foi preparado o terceiro volume: *As infâncias de Quaderna*.

Entre 1981 e 1988, sua obra teatral foi adaptada para cinema, vídeo, televisão, além de ter sido várias vezes encenada no Rio de Janeiro, Recife, São Paulo. Sua poesia foi editada em CD, com o próprio poeta recitando seus versos. Em 1989, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras; em 1995, foi Secretário de Estado da Cultura em Pernambuco. E em 2000, foi eleito membro da Academia Paraibana de Letras. Em 2014, faleceu em Recife.

Um dos melhores depoimentos sobre a sua obra é o de Marcos Vilaça, também seu confrade, na Academia Brasileira de Letras. Nesse depoimento, Vilaça assinala a importância da contribuição de Suassuna: “posicionar a cultura popular em ambientes cultos”, projeto análogo ao de outros intelectuais nordestinos, como o do artista plástico seu amigo, Francisco Brennand; de Maximiano Campos, romancista; de Guerra Peixe, músico; de Marcus Accioly, poeta.¹

¹ VILAÇA, M.V. Rodrigues. “Cantigas d'Amigos”, in *Cadernos de Literatura Brasileira. Ariano Suassuna*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2000, p. 16-19.

Na entrevista concedida em 2000 aos editores dos *Cadernos de Literatura Brasileira*, rende homenagem a Guimarães Rosa, referindo-se ao *Grande Sertão* como “obra extraordinária (...) Guimarães Rosa fez (...) a mesma coisa que Cervantes [em D. Quixote]: Através do homem mineiro, ele tratou do problema do ser humano em qualquer lugar.”². O romancista mineiro teria realizado, em *Grande Sertão*, projeto análogo ao de Suassuna em relação à literatura de cordel e à arte popular do Nordeste.

Indagado pelos entrevistadores a respeito de Tobias Barreto e da Escola do Recife, importante movimento de ideias do século XIX, sublinhou a influência de Silvio Romero, mas também de Euclides da Cunha e de Gilberto Freyre em sua obra.³

Definindo-se, ao longo do tempo, como um “monarquista de esquerda” – posição que superou – Suassuna pensava em Canudos, em Quilombo dos Palmares – movimentos que contestaram o Brasil escravocrata e/ou cidadão. Associava a monarquia à figura do rei sábio, e o socialismo à antiga tradição da Igreja Católica: a comunidade dos apóstolos.

Tardiamente, dá-se conta de que a luta no Brasil, era entre os privilegiados da cidade e os privilegiados do campo; não uma luta a favor de maior justiça. Isso o levou a abandonar a preferência pela monarquia e a aceitar o governo republicano, a favorecer a Igreja. Qual Igreja? A de “São Francisco de Assis, São João da Cruz, Santa Tereza.”⁴

A arte, para ele, representa uma possibilidade de salvação, de superação da precariedade do existir. Entende que há uma estreita “ligação entre religião e arte: ambas têm caráter de absolvição”⁵. O papel da arte é recriar o real, magnificar a realidade: é “um acerto de contas com a realidade”⁶, é a criação de algo “puramente belo”⁷, que possibilite superar a destruição representada pelo fluir inexorável do tempo. Um exemplo disso, no âmbito do diálogo com a arte

² SUASSUNA, A. “Entrevista”, in *Cadernos de Literatura Brasileira. Ariano Suassuna*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2000, p. 35 -37.

³ Id. Ibid., p.37.

⁴ Id. Ibid. p. 40.

⁵ Id. Ibid. p. 41.

⁶ Id. Ibid. p. 43.

⁷ Id. Ibid. p. 42.

popular, é a proposta de Antônio Nóbrega, cantor, musicista, dançarino, compositor, que “faz a recriação dos nossos espetáculos populares.”⁸

O que Suassuna busca é a síntese da razão e da paixão⁹, do erudito e do popular, a fidelidade ao que nós, brasileiros, intrinsecamente somos: próximos de Portugal, do Norte da África, da Ásia: “isso é o que somos de verdade, é isso que devemos procurar”, diz ele.¹⁰ Fazer ver quem somos: é o papel do artista. Em cada país, a cada povo, cabe ao artista mostrar a sua verdade essencial: “enquanto existir o Quixote, a gente sabe o que é a Espanha verdadeira. Com *Os Sertões* [de Euclides da Cunha] é assim também”¹¹. Na sua *Aula Magna*¹², Suassuna diz: “Ao se ver diante do povo (...) do sertão [Euclides da Cunha] tomou de repente seu lado (...). Seu grande livro resultou, portanto de um choque, da conversão de Euclides da Cunha diante daquele Brasil brutal, mas real, que ele via pela primeira vez em Canudos (...)”.¹³

A arte de Suassuna é fundada numa estética da recriação, apoiada na transtextualidade: a literatura que cria “mantém relação com a literatura oral e popular”, apresentando analogias com as propostas de Gil Vicente, Calderón de la Barca, Cervantes, Lorca, José de Alencar, Euclides da Cunha, como assinala a estudiosa Idelette Muzart.¹⁴ E o fulcro dessa recriação, no *Romance d'A Pedra do Reino* é o modo de vida de Canudos, símbolo da busca de uma sociedade mais justa, sob a bandeira do Divino Espírito Santo. *A Pedra do Reino* procura fundir, na obra, romance, teatro, poesia, gravura, segundo o próprio autor¹⁵. Nela, utilizando da técnica de picaresco aparece, o tom satírico com que Suassuna aborda os costumes sociais, literários, religiosos do país. Mas é também um romance da vida pública brasileira das décadas de 1920 e 1930, na

⁸ Id. Ibid.

⁹ Id. Ibid. p. 47.

¹⁰ Id. Ibid. p. 48.

¹¹ Id. Ibid. p. 51

¹² Id, *Aula Magna*. João Pessoa: Ed. Univ./UFPB, 1994, p. 46-47, apud SANTOS, I.M. F dos. “O decifrador de brasilidades”. In *Cadernos de Literatura Brasileira*, nº. 10. Nov. 2000, p.95.

¹³ Id. Ibid. p. 98-99.

¹⁴ SANTOS, I.M. F dos. “O decifrador de brasilidades”. In *Cadernos de Literatura Brasileira. Ariano Suassuna*, p. 98-99.

¹⁵ SUASSUNA, A. Entrevista a Jussara Salazar. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, nº 61, julho, 2000, p. 12.

região do Nordeste. O pano de fundo são os anos “que prepararam a revolução de 1930” e os antagonismos políticos e sociais da época¹⁶.

A trama do romance narra à história “ao mesmo tempo simbólica e milenarista, conectada aos episódios tenebrosos da Pedra Bonita, ocorridos um século antes e expõe o contraponto entre as ideias de Oliveira Viana e o pensamento marxista, as duas grandes correntes ideológicas em que se dividiram os intelectuais brasileiros na década de trinta”¹⁷ (...) o grande debate brasileiro travava-se entre Direita e Esquerda, tendo no centro a figura emblemática do bem chamado Cavaleiro da Esperança”¹⁸, Luís Carlos Prestes.

A Pedra do Reino não é apenas uma narrativa, mas “um romance de idéias”¹⁹ no dizer de Wilson Martins. Projetado como um romance, uma novela épica, é dividido em três partes, das quais *A Pedra do Reino* é a primeira parte, constituindo “uma espécie de rapsódia introdutória dos temas”; a segunda parte, intitulada *O rei degolado* é “mais épico, trágico e sertanejo-terrestre, como a Guerra do Sertão Paraibano narrada através de seus três episódios principais – 1912, 1926 e 1930.”²⁰ A epopéia de Suassuna estende “o conceito de herói e das famílias trágicas (...) à aristocracia do Povo (...) à ‘Aristocracia do Couro’, do Sertão, para chegar ao povo simples, sintetizando assim o trágico e o pícaro”²¹.

Carlos Newton Júnior, referindo-se à obra poética de Suassuna, nela distingue uma visão trágica do mundo, uma visão trágica da vida, que mostra o homem consciente “da sua mortalidade e da impossibilidade de decifração do Enigma da ‘máquina do mundo’ (...);” como alguém que “deseja unir-se ao divino”, mas percebe sua condição de finitude, sua precariedade existencial”²².

Newton Jr. distingue três temas dominantes na poesia de Suassuna: *a morte*, a partir do evento dramático do assassinato do pai de Ariano, quando este tinha apenas três anos de idade, acentuado pela perseguição política, e dificuldades

¹⁶ MARTINS, W. “O Romanceiro da pedra e do sonho” in *Cadernos de Literatura Brasileira. Ariano Suassuna*, p. 117-118.

¹⁷ Id. Ibid. p. 122.

¹⁸ Id. Ibid.

¹⁹ Id. Ibid. p. 123.

²⁰ SUASSUNA, A. “Nota do Autor” in id. *História do Rei degolado nas caatingas do sertão: ao sol da Onça Caetana*. RJ: José Olympio, 1977, p. 16, apud MARTINS, W., Ibidem, p. 127.

²¹ Id. Ibid.

²² NEWTON JR., C. “O pasto iluminado”. *Cadernos de Literatura Brasileira. Ariano Suassuna*, p. 136.

que se sucederam a elas. O segundo tema é *o sentimento de exílio existencial*: o mundo é “visto como um lugar de sofrimento, privação, dificuldades de toda ordem”²³. O terceiro tema é a *redenção*, a salvação, em um futuro reino de paz e harmonia, de justiça, identificado com os reinos mencionados nos folhetos de cordel, recriados poeticamente, onde “os fazendeiros são reis (...), suas filhas são princesas, e os vaqueiros e cangaceiros são (...) os cavaleiros (...) vestidos de armaduras de couro”²⁴.

Assinalamos essas temáticas porque elas nos parecem fulcrais, não apenas nos poemas, mas também no *Romance d'A Pedra do Reino*, como veremos.

Um dos mais importantes estudos sobre a obra de Suassuna, assim como sobre o elenco dos eventos aos quais Suassuna se reporta, Pedra Bonita, Canudos, associados ao sebastianismo brasileiro, encontra-se em Antonio Quadros²⁵. Associado à pregação de Vieira e aos seus textos: *Esperanças de Portugal, História do Futuro e Clavis Prophetarum*, “base doutrinária do sebastianismo seiscentista”, e também às doutrinas de Joaquim de Flora e ao “ideário medieval de São Bernardo, do Templo/Ordem de Cristo”²⁶, difundiu-se no Maranhão e no Nordeste, mas teve ainda ressonâncias recentes em Minas e no Rio²⁷. Movimentos messiânicos se multiplicaram no Brasil, tendo como “fulcro um indivíduo que se acredita possuir atributos sobrenaturais e que vaticina catástrofes de que só se salvarão seus adeptos; estes buscam ou desencantar um reino ou fundar uma cidade santa (...), lugar onde não se adoecer (...) onde se é plenamente feliz (...)”²⁸.

Antonio Quadros vincula diretamente ao mito sebástico os movimentos associados a “Silvestre José dos Santos, o ‘execrável’ João Ferreira e o ‘santo’ Antonio Conselheiro”²⁹, seguindo as indicações de Maria Izaura Pereira de Queiroz.³⁰ Elenca, a partir de Gilberto Freyre no *Brasil, Brasis, Brasília*³¹; de

²³ Id., *ibid.* p. 138-139.

²⁴ Id., *ibid.*, p.40.

²⁵ QUADROS, A. “O Sebastianismo brasileiro” in *id.*, *Poesia e filosofia do mito sebastianista*. Lisboa: Guimarães Ed. 1982, p. 197-270.

²⁶ Id., *ibid.* p. 198.

²⁷ Id., *ibid.* p. 201.

²⁸ Id., *ibid.* p. 205.

²⁹ Id., *ibid.*

³⁰ QUEIROZ, M. I. P. de, *O messianismo no Brasil e no mundo* apud QUADROS, A. *op. cit.*, p. 205.

³¹ FREYRE, G. *Brasil, Brasis, Brasília*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, s/d apud QUADROS, A. *op. cit.*, p. 208 e segs.

Oliveira Torres, no *História das Idéias Religiosas no Brasil*³² e de Maria Izaura Pereira Queiroz, os movimentos rebeldes, de contestação da República, que se difundiram no Nordeste do Brasil, a partir do “profeta” sebastianista Silvestre José dos Santos que, na Serra do Rodeador, em Pernambuco, em 1810, “pregou a ressurreição próxima do Encoberto e a instauração de seu reino no Brasil”³³.

Esse movimento, também referido por Suassuna, no *Romance d'A Pedra Reino*, servirá de base para a estruturação do romance, assim como os outros movimentos a ele associados: o de João Antonio dos Santos, mameluco de Pedra Talhada que em 1836, “também anunciou o regresso de D. Sebastião”³⁴. Ainda no sertão de Pernambuco, em 1836, na Serra Formosa, João Ferreira, outro “profeta” sebastianista, reuniu em torno da Pedra Bonita, “enorme menir natural” de forma bizarra – considerado espaço sagrado – adeptos que acreditavam que o rei D. Sebastião e seu exército estariam encantados dentro da pedra. E que somente um banho de sangue, realizado através de rituais primitivos, propiciatórios, envolvendo sacrifícios humanos, poderia quebrar o encantamento³⁵.

O impacto desses movimentos repercutiu também em outros autores, como José Lins do Rego, no seu romance *Pedra Bonita* (1938), em Joaquim Cardoso na peça *O Coronel de Macambira* (1963), além das obras de Suassuna, já citadas. O último evento relacionado à crença sebástica de uma cidade santa, reino de justiça, e mencionado por Antônio Quadros, Suassuna, Eça de Queiróz e mais recentemente por Vargas Llosa, no *A Guerra do Fim do Mundo*, é o episódio de Canudos, centrado da figura de Antônio Conselheiro.

Antonio Conselheiro fundou, no sertão, uma cidade que se contrapôs à ordem estabelecida, à república oficial do Brasil. Nela, *cidade santa*, o que vale é a lei de Deus, a autoridade moral do santo que a comanda.

O episódio teve repercussões intensas nas obras literárias ulteriores, assim como a retomada da problemática do sebastianismo na literatura brasileira, destacando-se a poesia de Jorge de Lima e a de Santiago Naud. A poética do antigo cancionero popular português encontrou ainda ecos em Guimarães

³² OLIVEIRA TORRES, J. C. de, *op. cit.*, SP: Grijalbo, 1968, *apud* QUADROS, A. *op. cit.*, p. 204.

³³ QUADROS, A. *op. cit.*, p. 204-205.

³⁴ SUASSUANA, A. *op. cit.*, *apud* QUADROS, A. *op. cit.*, p. 208-209.

³⁵ QUADROS, A. *op. cit.*, p. 211

Rosa, em Cecília Meireles, em João Cabral de Melo Neto, em razão do seu conteúdo simbólico, assinala Antonio Quadros ³⁶.

Suassuna, no *A Pedra do Reino*, combina as vertentes da criação literária e os mitos e a poesia populares. Realiza trabalho análogo ao que Villa-Lobos realizou no campo da música, Brennand no campo das artes plásticas.

A Pedra do Reino sintetiza história, meditação filosófico-religiosa, autobiografia, criação literária. Escritos sob a forma de folhetos, seus capítulos estão encadeados como um grande romance. Narra o depoimento de *Pedro Diniz Quaderna*, alter-ego mitopoético de Suassuna, ao juiz corregedor, personagem que investiga, para reprimi-las, tentativas de insurreição contra o governo republicano vigente no Brasil do começo do século XX.

O romance tem uma estrutura circular. Sua abertura conta, no primeiro folheto intitulado “Pequeno contar acadêmico a modo de Introdução”, através da voz de um prisioneiro, o que ele vê através da janela da prisão. E o que vê é uma cidade sertaneja, “terra agreste (...) e pedregosa”, terra ardente sob um sol característico do Nordeste brasileiro, cuja incidência é intensa. O narrador, que ainda não se sabe quem é e que ao longo do romance, narrado em primeira pessoa, vai se mostrar como sendo um personagem – Pedro Quaderna – descreve o que vê. E o que vê é o sopro ardente, metafórico, de gerações de “cangaceiros [justiceiros], de rudes Beatos e Profetas, assassinados (...) entre essas pedras selvagens”, na terra – chamada de Onça-Parda pelo narrador – sobre a qual se espria o sopro ardente da divindade, identificada como a Onça-Malhada “que há milênios acicata a nossa raça, puxando-a para o alto, para o Reino e para o Sol.”³⁷

O sertão é visto como uma enorme cadeia, que sintetiza uma tríplice face: é Paraíso, Purgatório e Inferno, a um só tempo; é prisão onde se aguardam as decisões da justiça, que pode se expressar como destruição e morte, ataque da “Onça-Malhada do Divino.”³⁸

O que o personagem descreve é a condição humana. Descobrimos, em seguida, que o prisioneiro é auto-intitulado rei D. Pedro Diniz Quaderna, alter-ego de Suassuna. E que o romance é uma narrativa de sua história, feita nos moldes do

³⁶ QUADRO, A. *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, Vol. 1, p. 249-250.

³⁷ SUASSUNA, A. *A Pedra do Reino*, p. 3-4.

³⁸ Id., *ibid.* p. 4.

Compêndio Narrativo do Peregrino da América, de Nuno Marques Pereira, publicado em 1728.

O tempo da narrativa é o que decorre entre 1935 e 1938. O rei-personagem se autointitula “rei do Quinto Império” - alusão ao Quinto Império de J. de Flora, de Bandarra e de Vieira – e também “profeta da Igreja Católica- Sertaneja” e, “pretendente ao trono do Império do Brasil”³⁹, apesar de já ter sido proclamada, no século anterior, a República do Brasil.

A condição humana é exílio e sofrimento, prisão no mundo concreto, áspero e ardente; mas é também apelo de um sagrado feroz que exige do homem uma ascensão, uma auto-superação constante.

O texto *d'A Pedra do Reino* é apresentado como “um memorial dirigido à Nação Brasileira, à guisa de defesa e de apelo”, mas também “ à Academia Brasileira, esse supremo Tribunal das Letras” ⁴⁰, celebrando os reis brasileiros, “os Reis castanhos [mestiços] e *cabras* da Pedra do Reino do Sertão”⁴¹, que entre 1835 e 1838 proclamaram o Império do Brasil: mestiço, violento, mas também santo.

A circularidade do romance – entendemos por *circularidade* o ponto inicial do romance ser composto por referências a eventos que só se tornarão claros no final da obra, o que nos convida a retornar aos capítulos iniciais, já não enigmáticos, por apreendê-los sob nova luz; a *circularidade*, dizíamos, prossegue nos folhetos seguintes do II ao IV, que descrevem, no II, uma estranha cavalgada, com um jovem vestido de branco à frente e precedido por duas bandeiras: uma, do Divino Espírito Santo; e outra, representando onças: uma onça pintada, uma parda e uma negra⁴². Já sabemos que a onça parda representa o mundo; a pintada, o Divino; e a negra, a noite, perigo e mistério⁴³. O significado da chegada do jovem de branco só será esclarecido no fim do livro.

Ainda no folheto II, encontramos a referência ao poeta como um visionário: o que vê profundamente, o que prediz o futuro. As fontes dessa afirmação feita através do personagem Samuel Wandernes – através de quem fala Suassuna –

³⁹ Id., *ibid.* p. 5.

⁴⁰ Id., *ibid.*, p. 5 – 6.

⁴¹ Id., *ibid.*, p. 5.

⁴² Id., *ibid.*, p. 7.

⁴³ CARRERO, R . e SUASSUANA, A. *Romance do Bordado e da Pantera Negra*. São Paulo: Iluminuras, 2014, p. 35 e p. 61.

são próprio Samuel, mas também Gonçalves Dias, em um poema no qual se refere a uma cavalgada, análoga à descrita no *Romance* de Suassuna, no qual há menção “ao Donzel errante”, “o Alumioso”, que serão também os nomes com Suassuna se refere ao príncipe salvador, que libertará o sertão.

Existe ainda a menção no texto de nosso autor, ao artigo do acadêmico paraibano, Carlos Dias Fernandes, que descreve os cantadores populares nordestinos como “trovadores do chapéu de couro”.⁴⁴

O *Romance* narra a história de Pedro Quaderna, misto de “herói/anti-herói (...) proprietário de uma certa taverna suspeita a que chama de Estalagem da Távola Redonda (...)”⁴⁵. Ele organiza torneios, veste-se nas festas à moda dos cangaceiros. Seus amigos eruditos representam a contraposição entre a esquerda e a direita na vida política: São Clemente e Samuel, que, com Pedro, fundam a *Academia de Letras dos Emparedados do Sertão da Paraíba*⁴⁶.

A primeira menção a Quaderna, explicitando quem é, ocorre no fascículo III d’*A Pedra do Reino*. Aí o personagem narra a rebelião de 1930, capitaneada por José Lima Pereira, contra o governo constituído. Proclama a independência do município de Princesa, “subvertendo o sertão da Paraíba com 2000 homens”⁴⁷. João Ferreira Quaderna, bisavô do narrador, falava de um encantamento, que, para ser quebrado, exigia um banho de sangue. O sacrifício sangrento libertaria D. Sebastião e seu exército, afirmava João Ferreira, instaurando um reino que asseguraria felicidade, riqueza, beleza, poder, imortalidade ⁴⁸ a todos os adeptos.

O folheto IV narra a história do fazendeiro degolado e o desaparecimento de seu filho mais novo, Sinésio, “rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos sertanejos” em um reino de glória e de justiça, plenitude e felicidade para todos” ⁴⁹. Nesse folheto aparece, pela primeira vez no romance, a menção a Tobias Barreto que considerava impossível a narração, no Brasil, de um romance genial.⁵⁰ Ora, a pretensão do narrador é escrever um romance

⁴⁴ SUASSUNA, A. *A Pedra do Reino*, p. 14.

⁴⁵ Id., *ibid.*

⁴⁶ QUADRO, A. *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, Vol. 1, p. 255-256.

⁴⁷ SUASSUNA, A. *A Pedra do Reino*, p. 25

⁴⁸ Id., *ibid.*

⁴⁹ Id., *ibid.*, p. 29.

⁵⁰ Id., *ibid.*

genial, histórico e épico,” com cavaleiros armados (...) degolações e combates sangrentos”⁵¹, narrando a história da família de reis à qual pertencia ⁵².

Podemos considerar os quatro primeiros folhetos como introdutórios para a história de Quaderna.

O folheto V narra as fontes histórico-arqueológicas dos eventos associados à Pedra Bonita, onde, sob a inspiração de um sebastianismo distorcido – D. Sebastião ressuscitaria ali, com todas as crianças que fossem aí degoladas para desencantar o reino, mediante a oferenda propiciatória de seu sangue.

Os folhetos seguintes sucedem-se, descrevendo cinco impérios. Os impérios são, na verdade, os movimentos revolucionários e antirrepublicanos, monarquistas de então. A menção a cinco reinos que se sucedem, lembra as teses de Vieira sobre o Quinto Império. Fundem-se, aqui, história e ficção: o primeiro Império, era o fundado por Silvestre José dos Santos, na Serra do Rodeador; pregava a “ressurreição de D. Sebastião”, previa a “degola dos poderosos”, instaurando um novo Reino, com o povo no poder. Descreve também o envio das tropas governistas, matando todos os correligionários de Silvestre.

O segundo Império, instaurou-se na Serra Talhada, nas terras dos Pereiras. Foi proposto por José Antonio dos Santos que se auto-intitulava “profeta” do novo Reino, que seria governado por D. Sebastião, cuja vinda próxima anunciava. Conseguiu arrecadar grandes somas, contribuições dos fazendeiros da região do Cariri, prometendo-lhes devolvê-las em dobro, logo que se desencantasse o Reino. Missionários católicos informaram ao governo brasileiro o que sucedia e o “imperador” acabou se retirando da região.

O terceiro Império iniciou-se com João Antonio II, em Pajeú, associado a matanças de partidários de D. João I.

No quarto Império, surgem “os cavaleiros sertanejos”, comandados por Manoel Pereira, Senhor de Pajeú, que organizou uma expedição contra os “reis” e “profetas” da Pedra do Reino. Prendeu muitos, matou vários, levou embora as mulheres e crianças, filhos de adeptos da Pedra Bonita. No seu *Romance*, Suassuna mescla realidade histórica e ficção: uma dessas crianças era D. Pedro

⁵¹ Id., *ibid.*, p , 30 -32.

⁵² Id., *ibid.*, p. 33.

Diniz Quaderna, avô do narrador-personagem. Educado por um padre católico, este ocultou na cidade que Pedro Quaderna era filho de João Ferreira Quaderna. Batizou-o e quando o menino se tornou adulto, casou-o com sua filha bastarda, Bruna Wanderley, de conhecida beleza. Deste casamento nasceu Pedro Justino Quaderna (Pedro III), o qual se casou com Maria Garcia-Barreto; são eles os pais de D. Pedro Diniz, o narrador d'*A Pedra do Reino*.

Estabelecendo uma genealogia, a partir da “nobreza sertaneja”, Suassuna faz nascer, num alusivo *Quinto Império*, o rei-narrador. Na tessitura da história desse rei - que ocupa todos os restantes folhetos da *Pedra do Reino*, contando suas vicissitudes e formação, surge afinal o reino ao qual Pedro Diniz, alter-ego ficcional de Suassuna, como já assinalamos, vai pretender: é o Reino da Poesia (Folheto XII). Pedro Diniz aprende com os cantadores a música e a poesia; admira os cangaceiros pela coragem frente à morte. Descobre as narrativas de cordel e as cantorias sobre Carlos Magno e os Doze Pares de França: fala de *romances em versos e rimados* (poesia) e em *prosa*.

É isso que qualifica o *Romance d'A Pedra do Reino*: romance em prosa e verso, grande painel de uma concepção de vida, de sonho e de busca espiritual, mas também das guerras, das lutas por justiça, por afirmação de vitórias e ressurreição que marcaram o período histórico em pauta.

As lutas entre cristãos e mouros – que foram guardadas na memória do povo e nas festas populares que as recordavam a cada ano – são celebradas nos folhetos e nas cantorias. Pedro Diniz intui que, tornando-se cantador (poeta), “poderia reerguer na pedra do verso, o Castelo de [seu] Reino”⁵³. O *Quinto Império* seria literário; não poria a vida em risco, mas “poderoso e sertanejo [seria] um marco, uma obra (...) um Reino varrido (...) pelo sopro sangrento do infortúnio, dos amores desventurados (...), pelo riso violento.”⁵⁴.

Esse é o *Império* de Suassuna.

Um aspecto importante, na obra do escritor merece ser recordado: ele inclui sempre, ao longo do romance, discussões políticas, filosóficas, estéticas, históricas.

⁵³ Id., *ibid.*, p. 68.

⁵⁴ Id., *ibid.*, p. 75.

Assim, por exemplo, no folheto XXIV, aparece uma referência explícita à Escola do Recife, e novamente a Tobias Barreto; e também à acolhida, na Escola do Recife, do laço entre filosofia e literatura, presente nas obras de Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua, Franklin Távora, Martins Júnior, Artur Orlando⁵⁵, mesclando aos personagens históricos efetivamente existentes, os personagens emblemáticos de seu romance: Samuel e Clemente. Este último, irreverente, com maneiras e opiniões novas. O modelo foi Sílvio Romero? Os estudiosos mencionam dois tios de Ariano, com características análogas. Talvez seus personagens sintetizem os dois: um era de esquerda, comunista; o outro, tradicionalista, defensor da fé católica.

No romance, a partir dos seus personagens, perpassa menção satírica às Academias brasileiras; e uma discussão sobre estética, sobre o papel da arte, no Brasil. Recusados pelas Academias oficiais do Brasil de então, os três personagens: Diniz, Samuel e Clemente criam a própria Academia, da qual são os fundadores e únicos sócios: a Academia de Letras dos Emparedados do Sertão da Paraíba. Pretendendo reinar, no plano da literatura, Diniz se propõe a construir uma obra que o leve a ser declarado Gênio da Raça Brasileira, “de modo oficial e selado pelo governo.”⁵⁶

A proposta d'*A Pedra do Reino*, de sintetizar poesia e prosa e incluir também as contribuições das artes plásticas, aparece no debate do folheto XXXI, intitulado *o Romance do Castelo* (literário). Busca expressar a fusão de raças que o povo brasileiro representa, as lutas políticas e, fundamentalmente, *busca a união dos opostos*, na transcendência das oposições.

Destacamos apenas alguns aspectos dessa obra monumental. Nela tudo se cruza: história, mito, poesia, gravura, filosofia, política, indagação agônica sobre o segredo.

É um grande poema, da prisão e exílio no mundo, de confronto com a morte, da arte entendida como possibilidade de salvação, de resgate do precíval e trágico do existir.

⁵⁵ Id., *ibid.*, p. 117.

⁵⁶ Id., *ibid.*, p. 137 e segs.